

Exemplo 322



O Globo, 29-05-07

O leitor dessa série tem conhecimento de que Cascão é declaradamente averso à água. Na primeira cena, lê-se ter ele ligado o chuveiro (“Clic”) e, espontaneamente, estar tomando um salutar banho, para a surpresa do leitor. Trata-se de uma cena-signo desorientador por meio da imagem propriamente dita e da onomatopeia, ícone de um ruído. No segundo quadrinho, na disjunção, fica esclarecido o “Clic” da máquina fotográfica, operada por Cascão, e a presença do painel, suporte da iconicidade do ato de um banho de chuveiro, elementos que garantem o humor da TQ.

Exemplo 323



O Globo, 19-03-09

A iconicidade da cena do primeiro quadrinho leva o leitor a entender que o casal está beijando-se. Na segunda cena, parece haver insistência de Maluquinho por mais um beijo de Julieta. No último quadrinho, na disjunção, fica esclarecido que se tratava, desde a primeira cena, de um simples ato de degustar caramelo, fazendo certo barulho, “Mmm ... hum...”, que, repetido no último quadrinho, faz Julieta chamar-lhe a atenção, “... e come de boca fechada pra não fazer barulho!”, porque não é uma forma polida de ingerir alimento.

4.7.2 Passagem hiperonímica

No modo verbal, a função anafórica pode ser atualizada, por exemplo, com o emprego de termos do mesmo campo semântico que distinguem gênero e espécie; respectivamente, *hiperônimos* e *hipônimos* que, na progressão textual, promovem a *referenciação*. A arte sequencial tem-se, também, válido desse tipo de estruturação para provocar humor, no que se refere ao verbal e ao não verbal.

Exemplo 324



O Globo, 10-09-09

Tem-se, na TQ, um exemplo no modo verbal. Respectivamente, no segundo e terceiro quadrinhos, Zoé se espanta e zomba do desenho do irmão porque ela poderia identificar “um cavalo, um macaco, uma hiena”, mas nunca “um coelho”, como ele afirmara. Ao ser perguntado pela mãe sobre o que desenhava, o menino, já prevenido, descarta o hipônimo “coelho”(ou cavalo, macaco, hiena), preferindo o hiperônimo “mamífero”, resposta que produz efeito de humor.

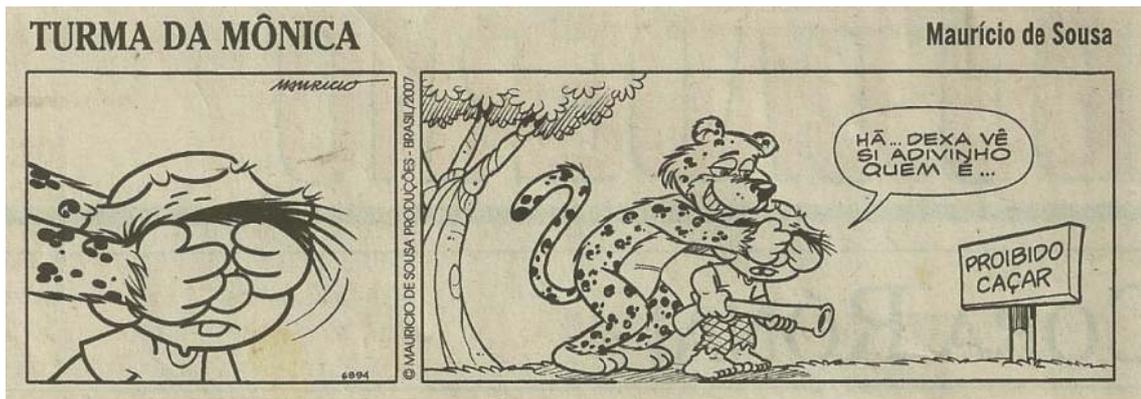
No modo não verbal, ocorre, segundo CAGNIN (1975,p.94) a *passagem hiperonímica*, conceituada segundo a sequência dos planos em dado segmento de uma história em quadrinhos. Transcreve-se, em seguida, o exemplo e os comentários apresentados pelo estudioso.



Primeiro Plano detalhe detalhe detalhe detalhe geral

Neste exemplo, o primeiro plano engloba os quatro quadros seguintes e lhes fixa o significado, que se resolve em seguida, no plano geral do Q₆. Há uma passagem *hiperonímica* do Q₁ para o Q₂ — Q₅ e *hiperonímica* destes para o Q₆, ou seja, do todo para as partes; das partes para o todo.

Exemplo 325



O Globo, 04-10-07

A passagem hiperonímica se deu do plano americano no primeiro quadrinho para o plano de conjunto ou total, em que as figuras aparecem de corpo inteiro, num cenário mínimo. O humor fica atrelado a essa mudança de plano, quando se toma conhecimento de quem eram as mãos no primeiro quadrinho, da placa “Proibido caçar” e de que o inconveniente caçador foi surpreendido por uma possível caça. A primeira cena constitui a parte do todo da situação iconicamente representada.

Exemplo 326



O Globo, 13-10-06

Um descuido da mãe, ao fechar a porta do carro, propiciou que Zoé ficasse com os dedos presos nela. A constatação do acidente, a iconicidade da falta de reação e da mudez da menina e o desespero da mãe para saber sobre o estado de Zoé aparecem registrados no plano médio, dando-se a passagem hiperonímica quando a boca da menina é registrada no plano em grande detalhe, iconicamente representando um alto grito numa reação retardada, circunstância que pretende certo humor. Os três primeiros quadrinhos apresentam o todo da cena; o último, uma parte, um detalhe.

4.7.3 Referências temporais

O tempo, na arte sequencial, requer observações que levam em conta diferentes naturezas. Quanto ao aspecto estrutural dessa arte, conforme já abordado nesta tese, importa atentar para a legenda, indicativa de algum tempo, e para o tempo inserido no hiato, ou seja, a identificação do transcurso do tempo entre uma cena e outra, com ocorrência de uma pequena ou grande elipse: o tempo da narração.

Além desses aspectos temporais, aparecem registrados nas TQ, o tempo *astronômico*, o tempo *meteorológico* e o tempo *histórico*, que contribuem com a contextualização dos fatos narrados e, por conseguinte, com o propósito de sentido pretendido.

4.7.3.1 Tempo astronômico

Refere-se a divisões do dia e, segundo GAGNIN (1975, p.56), “é facilmente sugerido pelos tons e contrastes de tons, jogo de massas, ou pela utilização de uma figura que no

quadro tem a função exclusiva de indicar metonimicamente a noite ou o dia.”, ou seja, o sol ou a lua.

Exemplo 327



O Globo, 13-01-09

O início de um “novo dia”, iconicamente registrado por um sol nascente, motiva o ânimo de Dureza sobre “novas possibilidades”, mas a sequência temporal apresentada, por meio da iconicidade de um céu escuro, com a lua no alto, aponta a passagem de um dia que se fez inversamente proporcional à expectativa do militar (“Tantas coisas pudessem dar errado num único dia”). Como nessa série quadrinista esse personagem vive em apuros, fica mais uma vez registrada sua incompetência quanto ao aspecto avaliativo de situações.

4.7.3.2 Tempo meteorológico

O tempo meteorológico diz respeito ao frio, ao calor, à chuva, à neve, aos raios, aos trovões. No mundo dos quadrinhos, além do modo verbal, tais contextualizações se fazem pelo modo não verbal.

Exemplo 328



O Globo, 23-10-06

No primeiro e segundo quadrinhos, nuvens carregadas são o índice da tempestade que se aproximava. Embora a menina se tivesse encantado com o cenário tempestuoso da natureza, ela é surpreendida por uma chuva torrencial, iconicamente marcada por traços em toda a área do quadrinho. Totalmente molhada, ainda tem de ouvir a crítica irônica do amigo sobre a falta da previsão meteorológica, no que se refere ao aviso de portar um guarda-chuva. É possível entender uma crítica velada do quadrinhista quanto a falhas do serviço de meteorologia, que, muitas vezes, ‘não acerta’ a previsão do tempo.

Exemplo 329



As linhas cinéticas e as folhas no ar, em várias alturas dos quadrinhos, são o índice de forte ventania. O casaco usado por Mônica é índice de grande frio, tanto que ela se espanta de ver Cebolinha sem um traje apropriado para aquele momento, sem demonstrar qualquer tremor de frio. O humor fica por conta justamente do engano de Mônica: Cebolinha havia congelado de tanto frio, por isso que, ao tocá-lo, ele se quebra em pedaços de gelo.

Exemplo 330



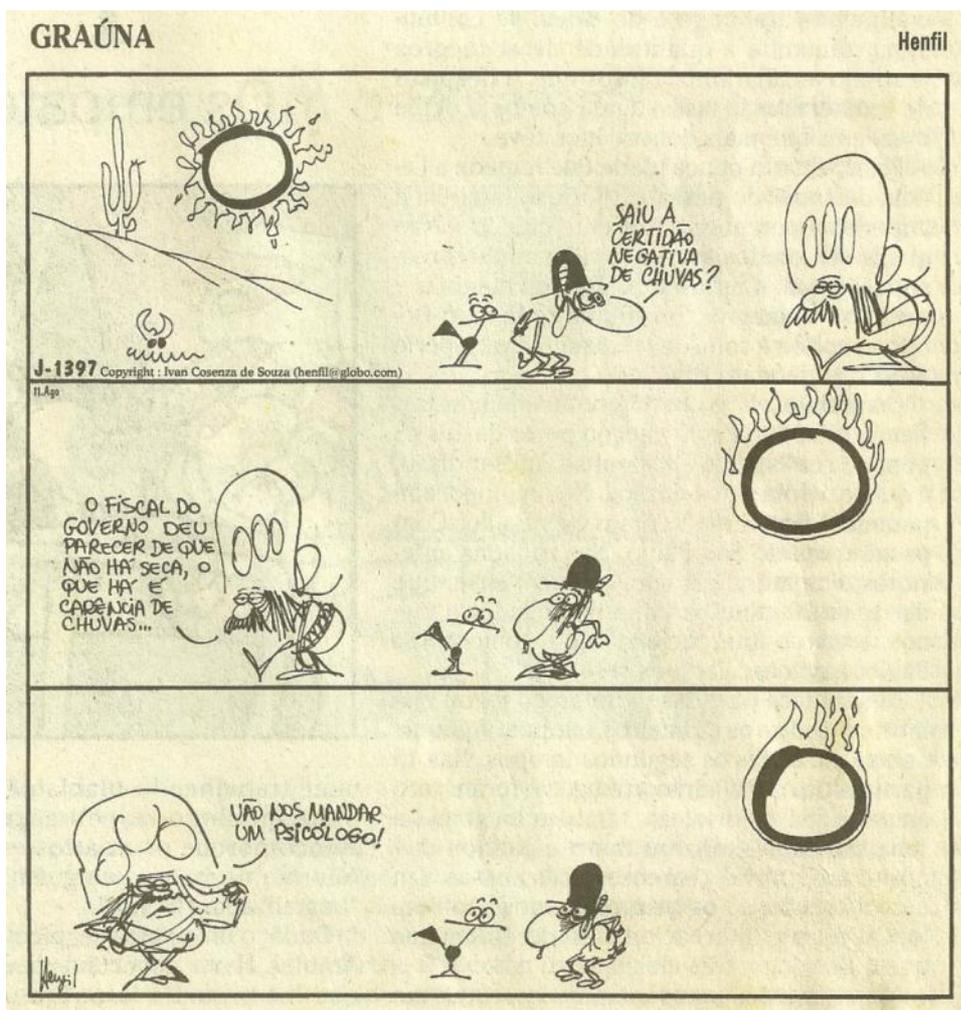
Irritado com a duração da baixa temperatura e da neve, iconicamente registrada com bolinhas em profusão, Hagar xinga (metáfora visual que inicia a primeira fala), mas Eddie Sortudo, em franco otimismo lembra-lhe de que há uma compensação para tal : não há mosquitos.

Exemplo 331



Na sequência temporal do primeiro para o segundo quadrinho, há uma mudança meteorológica; raios e trovão (“Cabrum”) apanham Cascão de surpresa. O menino, conhecidamente averso à água, se apavora de tal forma que corre com tanta rapidez que sua roupa não ‘consegue acompanhá-lo’, constituindo-se, assim, o humor.

Exemplo 332



O Globo, 11-08-06

A iconicidade do Sol, por meio da sequência de três diferentes estilizações, se converte nessa TQ em índice de alta temperatura e da falta de chuva. O humor fica estabelecido a partir da paráfrase/ do pleonasma “não há seca” = “há carência de chuva”.

4.7.3.3 Tempo histórico

CAGNIN (1975, p.55-56) observa que o tempo, relativamente à época histórica, a uma era, pode ser identificado por elementos indiciais: “a indumentária das figuras, a *mise-em-scène* ou outro índice qualquer.”

Exemplo 333



O Globo, 12-12-07

Na série quadrinista *Hagar, o horrível*, esse personagem se declara um viking, cujos elementos indiciais – sua indumentária, o capacete com os chifres, a espada e o elmo – remetem à era viking, marcada por guerreiros, exploradores, mercenários, piratas escandinavos. Nessa TQ, especificamente, a iconicidade de um tempo histórico, marcado pelo uso de armaduras, é tomado como uma temática para produzir humor: como elas cobrem as pessoas por inteiro, ficou difícil que Hagar as reconhecesse, o que torna seu comentário um despropósito, porque o não reconhecimento se relaciona ao uso de armaduras, não aos dez anos passados.

4.7.3.4 Tempo cronológico

Exemplo 334



O Globo, 11-12-09

A situação abordada na TQ, para gerar humor, diz respeito a uma argumentação referente à diferença de faixas etárias. Para escapar à pergunta, Maluquinho se aproveita de ser criança, caracterizando-se como alguém de, ainda, pouco poder de avaliação. Reverte,

assim, a pergunta para o avô, que, por sua vez, também se aproveita do aspecto de ser idoso, considerando falha de memória decorrente da idade, para, também, não mencionar uma possível resposta.

4.7.4 Figuração do tipo gráfico

CAGNIN (1975, p.130), como já mencionado, se refere à *função figurativa do elemento linguístico*. Neste momento, especifica-se essa função com a seguinte transcrição:

As palavras mais cheias de emoção e entoação são escritas em tamanho maior, seu traço é grosso e bem destacado no contexto, às vezes tremido (significa medo), ondulado (um grito que se propaga pelas ondas sonoras no espaço). A sua interpretação também é muito variada, mas não é difícil, uma vez situados no contexto da história e da frase, determinar-lhes o sentido.

Entende-se, portanto, que essas estilizações do tipo gráfico têm contribuído como pistas de leitura que trazem carga semântica dupla, fornecem dois *inputs*, pois agregam, cumulativamente, o verbal e o não verbal para propósitos de sentido variados; ainda, a figuração do elemento linguístico ajuda a materializar, por exemplo, diferentes sensações e emoções. EISNER (1995, p.10) considera que se trata de “Texto[verbal] lido como imagem.”.

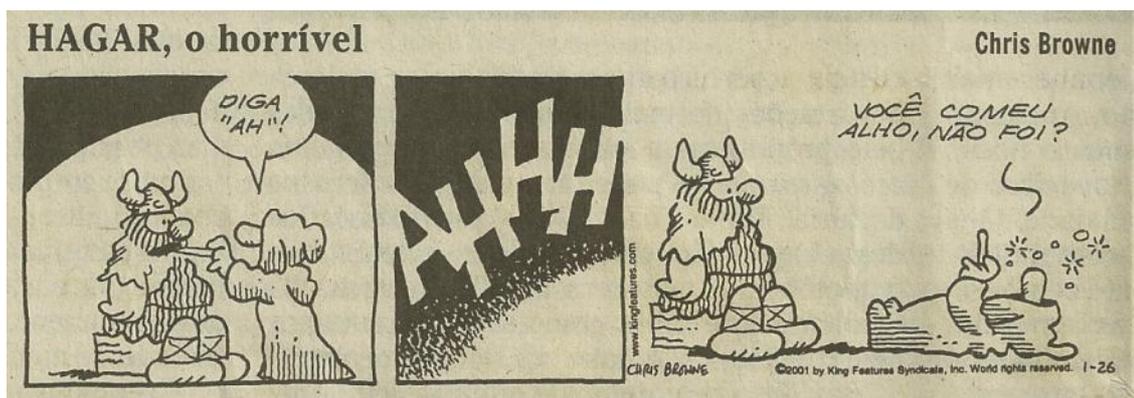
Exemplo 335



O Globo, 05-02-07

Além das onomatopeias no segundo e terceiro quadrinhos, representadas com tipos gráficos diferenciados, indicativas do ruído de um grande tombo e do derrubar e da quebra de objetos, têm-se, no primeiro e quarto quadrinho, tipos gráficos aumentados para enfatizar a grande *alegria* e a *euforia* de Maluquinho pelo presente que recebera e que quer mostrar para a mãe.

Exemplo 336



O Globo, 11-11-05

Num fundo de tonalidade escura, que leva a entender ser a representação icônica da língua, de suas papilas gustativas e do início do tubo digestivo, o emprego de “AHHH”, com tipos gráficos aumentados, sugere uma emissão sonora alta. De acordo com a disjunção, o leitor é levado a entender que o segundo quadrinho constitui uma sinestesia, isto é, há superposição de uma imagem visual, uma imagem sonora do grito e uma imagem olfativa, sendo que a última faz o médico cair, tamanho o cheiro (desagradável?) do alho.

Exemplo 337



O Globo, 08-11-06

O emprego de tipos gráficos maiores que os demais e do negrito nas duas falas de Hagar sugerem, no contexto, uma voz irritada, em tom alterado, devida aos desagradáveis procedimentos de Hagar, que ele próprio reconhece ao alistar verbalmente e ao pensar, como se observa no balão-pensamento da disjunção.

Exemplo 338



O Globo, 09-03-09

A intensidade do tédio de Zero é sugerida ao leitor por dois procedimentos: pela asserção “Estou entediado!” no primeiro balão-fala e pela repetição do item “entediado” com tipos gráficos aumentados e em negrito, no segundo balão. Tal repetição constitui o elemento disjuntor, uma vez que ficar deitado, dormindo, é o preferido pelo recruta, de modo que a “vontade de levantar da cama e fazer alguma coisa!” é o inédito da atitude do personagem e o momento em que se dá o humor.

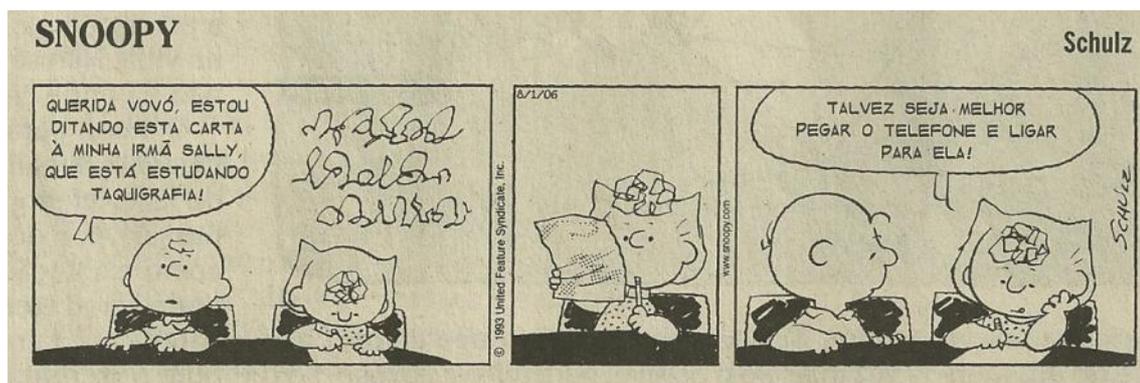
Exemplo 339



O Globo, 05-11-09

O estado de gagueira, iconicamente registrado pela repetição da sílaba inicial **VO...**, primeiro verticalmente e, no segundo quadrinho, de forma horizontal para terminar a enunciação da palavra por inteiro – **VOLTAR** – registrada com tipos gráficos maiores e em negrito, aponta o *desespero* do marinheiro que vai na frente do barco, por notar que os tripulantes se encaminhavam para uma queda d’água.

Exemplo 340



O Globo, 06-03-07

A escrita garranchosa de Sally, no primeiro quadrinho, é o elemento disjuntor que encaminha para o humorístico da TQ, quando ela própria reconhece, no segundo quadrinho, a ilegibilidade do que escrevera, tanto que chega à conclusão de que era melhor telefonar para a avó do que enviar-lhe a carta, cujo conteúdo, certamente, não poderia ser compreendido por causa do mal ‘desenho’ dos tipos gráficos.

Embora nessa TQ o leitor fique sabendo do conteúdo dos garranchos, CAGNIN (1975, p. 131) alerta para o fato de que, dependendo do propósito do quadrinhista, certos caracteres de outros idiomas, como do árabe, chinês e japonês, têm sido utilizados nos quadrinhos do mundo ocidental para caracterizar a enunciação de um estrangeiro, havendo, assim, duas informações nessa pista linguística: “a personagem está falando com um estrangeiro e não consegue entender o que ele diz; o leitor também fica sabendo que se trata de um estrangeiro e também não entende.”.

Exemplo 341



Na primeira cena, é o recurso da letra cursiva, manuscrita, a pista linguística oferecida, para que o leitor saiba o conteúdo da carta que Charles Brown está escrevendo. Trata-se de

uma estratégia que, também, torna o quadrinhista um narrador onisciente. A quantificação do sentimento de falta e as duas escalas aventadas constituem o humor da TQ.

Exemplo 342



O Globo, 20-12-06

Na TQ, o emprego de tipos gráficos de letras de imprensa é o índice de que Snoopy está escrevendo seu texto à máquina.

Snoopy é personagem dessa série que pretende ser escritor, de modo que está sempre tentando escrever um romance e esperando que um editor lhe dê o devido valor. No entanto, ele deixa a desejar quanto à elucubração das tramas, como se pode constatar pela incoerência, que se transforma no mote do humor dessa TQ. Se “Era uma noite mágica.”, que sugere acontecimento(s) inesperado(s), a expectativa é de que os dois estranhos se tivessem encontrado, mesmo com a superlotação do salão, não que continuassem desconhecidos, como se lê.

Exemplo 343

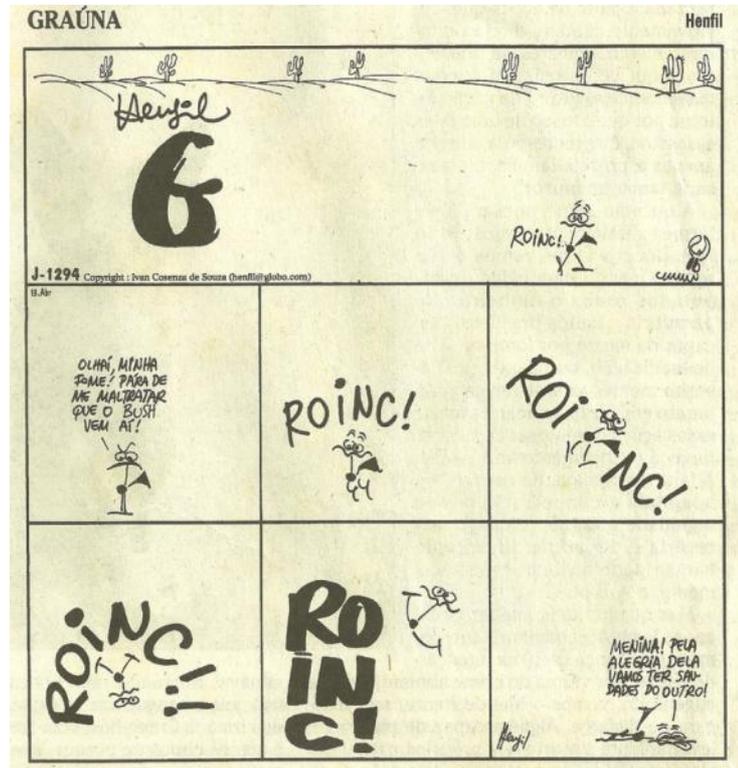


O Globo, 21-01-09

Na onomatopeia que imita o ruído de um sopro, estendida por cima de dois quadrinhos, a repetição da vogal U e da consoante final F, com tipos gráficos aumentados e em negrito,

é o índice do esforço da menina para apagar as seis velas do bolo de aniversário, notando-se que o terceiro quadrinho representa, iconicamente, o esforço último da menina. O humor é provocado quando Zoé considera que tamanho esforço advém do fato de ter envelhecido, com a passagem de cinco para seis anos.

Exemplo 344



O Globo, 13-04-06

Os tipos gráficos que constituem a imitação do som de ronco de fome no primeiro quadrinho – “Roinc!” – ganham, ao longo da TQ, variações de tamanho, de tonalidade, de disposição intrínseca na constituição da onomatopeia e essa, por sua vez, aparece inscrita no interior dos quadrinhos, como se a fome estivesse perpassando por todo o interior do estômago, na intencionalidade do quadrinhista de ir aumentando (denunciando), cada vez mais, a fome que o personagem sentia.

4.7.5 Linhas cinéticas

As linhas cinéticas são índices de que algo ou alguém está em movimento no estatismo do papel. Elas ajudam a movimentar os olhos do leitor para acompanhar o movimento realizado; por exemplo, quando se trata de saltos. As linhas cinéticas são *linhas de*

composição do contexto, para determinados efeitos de sentido. McCLOUD (2005, p. 111-113) registra que

Com o passar dos anos, essas linhas foram se tornando mais refinadas e estilizadas, até diagramáticas(...) ficaram **tão** estilizadas, quase a ponto de ter **vida e presença próprias!** [...] No **Japão**, apesar de sua cultura de quadrinhos bem **diferente**, esse movimento foi abraçado como seu.

Parece ser possível entender que as linhas cinéticas constituíram, ao longo das experimentações da arte quadrinista, um efeito especial que ajudou a aprimorar a iconicidade dos movimentos representados nos quadrinhos. Entendível, também, a perspectiva de McCLOUD, quando se refere a que as linhas cinéticas passaram a “ter vida e presença próprias!”, uma vez que há TQ que as tomam como o foco do humor, como no exemplo seguinte.

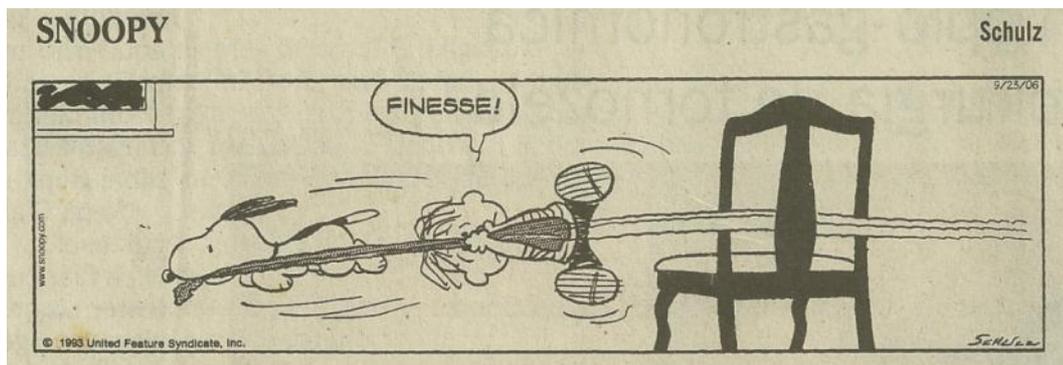
Exemplo 345



O Globo, 06-07-09

Doído com a repreensão sofrida por Dentinho (Ah, é? Espera!”), provavelmente numa atitude de companheirismo, para desviar a atenção do tenente sobre o colega, Zero resolve prestar a continência perfeita, porém a seu modo, com movimentos de braços, cabeça e corpo, iconicamente representados por linhas cinéticas. No quarto quadrinho, por exemplo, as linhas cinéticas ganham relevo (“vida e presença próprias”), para salientar a versatilidade de Zero em seus movimentos inesperados, mas com o objetivo alcançado, tanto que o tenente por fim lhe pergunta “Como fez isso?”.

Exemplo 346



O Globo, 12-05-07

As linhas cinéticas apontam um movimento da direita para a esquerda do leitor, na ação do desastrado Snoopy de puxar o taco de golfe que Charles Brown segurava, por isso o menino está sendo arrastado, chegando a passar por vãos estreitos do espaldar da cadeira, momento em que solicita ao cachorro que, pelo menos, tenha “Finesse!”.

O histórico da procura quadrinista por elemento(s) que indicass(em) movimento com mais expressividade passou, segundo McCLOUD (2005, p.110-114), por diferentes tentativas. Uma delas foi apresentar imagens múltiplas do que se queria dinâmico.

Nos três exemplos seguintes, a repetição da imagem e as linhas cinéticas compõem uma sequência dinâmica de uma parte do copo humano com objetivo de humor.

Exemplo 347



O Globo, 21-12-07

Na primeira cena, Magali vira a cabeça rapidamente, movimento indicado pela duplicidade do rosto e pelas linhas cinéticas, procurando, em duas direções, localizar onde os amigos estavam tomando sorvete. Nessa metatira, os amigos conseguem desaparecer do quadrinho, escondendo-se. Mônica rindo baixo, zombeteiramente, (“Ih!,Ih!,Ih!”), e Cascão pedindo silêncio (“Pssst!”), para não dividirem o sorvete com Magali, uma menina extremamente gulosa.

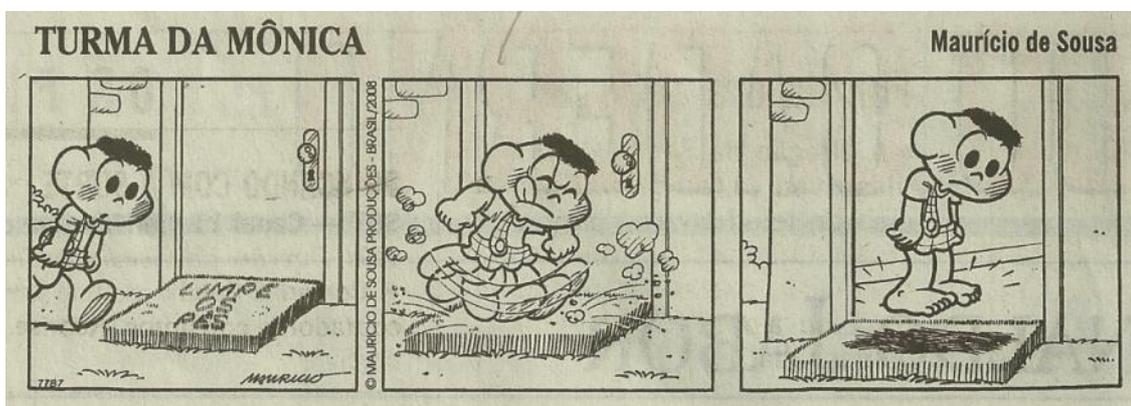
Exemplo 348



O Globo, 26-03-09

Tomando o sentido da expressão “plantar bananeira”, isto é, ficar erguido de cabeça para baixo, Chico Bento tem mais uma de suas atribuições: ele planta *uma* bananeira nessa posição, motivo do humor inserido na TQ. A representação contínua do braço e as linhas cinéticas em torno dessa parte do corpo mostram os difíceis e contínuos movimentos por ele realizado no dinamismo da ação do plantio.

Exemplo 349



O Globo, 04-11-08

Obediente à solicitação escrita no tapete, Cascão não poupa esforços para limpar os pés, como mostram a duplicação deles e as linhas cinéticas. O humor fica por conta de ele se dar conta de que seus pés ficaram limpos, mas o tapete, em compensação, teve sua mensagem apagada pela sujeira depositada.

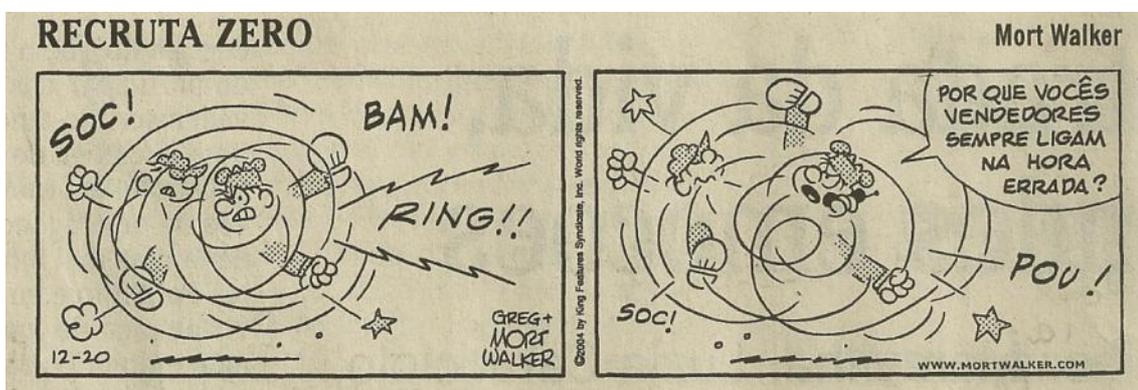
Exemplo 350



O Globo, 15-08-09

Outro exemplo da tentativa de imprimir dinamismo nas imagens dos quadrinhos consistiu do emprego de um artifício fotográfico em que a imagem fica distorcida, fora de foco. (McCLOUD, 2005, p.112-113). É o que se pode observar na primeira cena, quando Zero vinha em alta velocidade, “com o pé na tábua”, por isso a imagens dele e do sargento Tainha distorcidas; mas, ao saber que, se chegasse mais rápido, teria ainda que descarregar os suprimentos, imediatamente ele reduz a velocidade e a imagem volta para o foco.

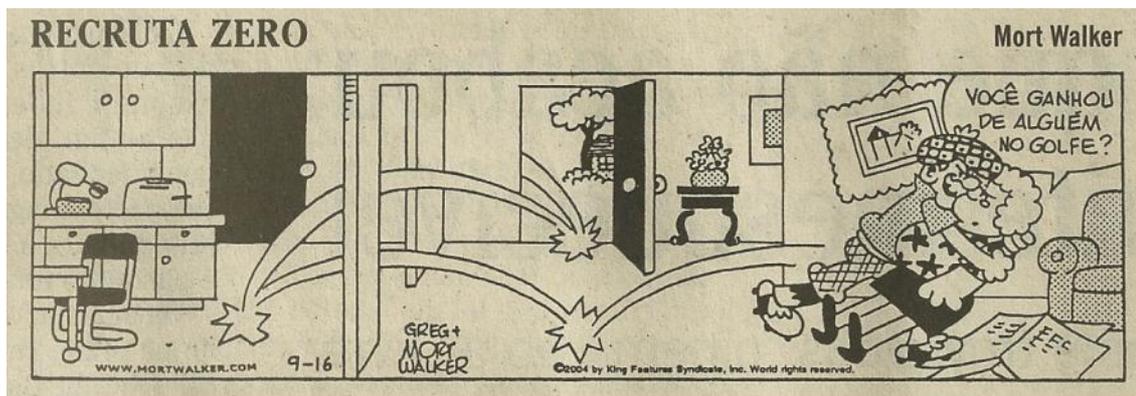
Exemplo 351



O Globo, 06-10-05

A embolação de uma briga entre Zero e Tainha fica acentuada por meio de linhas cinéticas curvas e, embora o telefone celular de Tainha toque, o engalfinhamento, marcado pelas linhas cinéticas, continua concomitantemente ao que o sargento reclama com o interlocutor, fala que se traduz em humor.

Exemplo 352



O Globo, 21-04-05

A manifestação de alegria do general Dureza é tão grande que ele entra em casa aos saltos, marcados por linhas cinéticas duplas, até encontrar a esposa e abraçá-la, para surpresa dela e, ao mesmo tempo, o entendimento de que ele havia ganhado no jogo de golfe, vitória que dificilmente acontece nessa série quadrinista.

Embora GAGNIN (1975, p.95) não empregue a nomenclatura *linhas cinéticas*, ao fazer referência ao emprego de linhas menciona que

Muitas vezes as perspectivas e linhas convergentes de enfoque são aproveitadas simplesmente para levar o olho até a figura temática. Funcionam como as **partículas de realce** nas sentenças, constituindo um recurso tipicamente tático. (grifo nosso)

Tal consideração pode ser exemplificada na TQ seguinte.

Exemplo 353



O Globo, 18-10-07

No segundo quadrinho, todas as linhas convergem para a figura de Zezé, tornada a figura-foco do elemento disjuntor, surgindo como um herói, após a ingestão de vitamina A, de tal sorte que agora é a sua vez de afrontar Zoé, na vingança de ser, normalmente, o afrontado pela irmã.

Exemplo 354

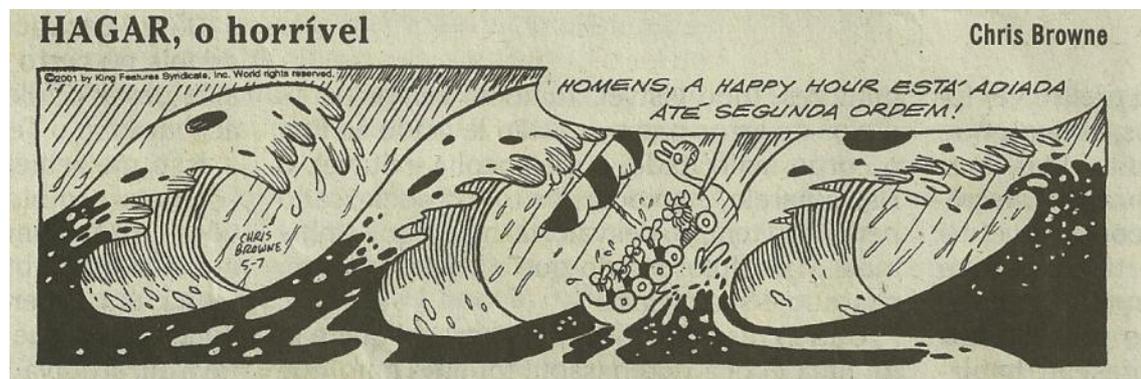


O Globo, 24-05-06

O plano de conjunto, no segundo quadrinho, permite observar o chute de Mônica para ajudar um marciano a retornar ao seu planeta. As linhas cinéticas aí iniciadas têm duas características: as verticais indicam o vertiginoso da ascensão; as horizontais, em curva, indicam o movimento de rotação, são elas, no contexto, índices da efetiva força que a menina possui. No último quadrinho, o plano geral esclarece que o menino marciano foi, realmente, lançado ao espaço.

O uso sistemático e farto das linhas cinéticas nos mangás (SANTOS,2002, p.28; McCLOUD,2005, p.113), tornou-as uma característica dos quadrinhos japoneses, pelo estilo de acentuar os movimentos e as movimentações dos personagens no dinamismo da narração. Dependendo da temática abordada, o estilo mangá, com proliferação de linhas cinéticas, também é opção para a iconicidade de uma TQ.

Exemplo 355



O Globo, 11-12-07

Linhas cinéticas em diferentes sentidos, indicando chuva torrencial, ondas gigantes, espaço, volume, profundidade, movimento e vertiginosidade implicam o imediatismo de um grande perigo, por que estava passando a pequena embarcação, em vista do tamanho da

tormenta. Para efeito de humor, no entanto, Hagar se atém apenas a dizer que a “Happy hour” estava adiada.

4.7.6 Imagens sensoriais

No desvelar do propósito de sentido de uma porção do texto verbal, ou dele como um todo, importa considerar as imagens sensoriais representadas no modo verbal – a iconicidade lexical – conforme SIMÕES (2009, p.106-139).

Na leitura de *De gramática e de linguagem*, de MÁRIO QUINTANA (2005, p.435-436), infere-se, por exemplo, o propósito de o poeta aguçar no leitor imagens sensoriais por meio da seleção lexical de itens que ‘carregam’ o contagiante do visual (“verde”; “escuro”), do tátil (“macio”), do sonoro, do gustativo (“palavras sumarentas”; “polpa de fruto maduro em tua boca”), por exemplo, como, respectivamente, se pode observar nos últimos versos desse poema:

Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas *palavras sumarentas* escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu lhes saiba o misterioso sentido
Basta provares o seu gosto... (grifo nosso)

Igualmente, na leitura de uma TQ, se faz importante a leitura de imagens sensoriais. Assim como o balão-fala e as onomatopeias são os suportes para o audiovisual nos quadrinhos, o que se pretende neste item é propor leituras de elementos do código icônico que, intencionalmente salientados pelo quadrinhista, despertam os sentidos do leitor e promovem humor.

Exemplo 356



O Globo, 11-09-08

A imagem, em close, sugere ao leitor ser ele o próprio fotógrafo que olha através do visor da máquina fotográfica, haja vista que é essa a imagem primeira que lhe chega na TQ. No segundo quadrinho, é que se toma conhecimento de que se tratava da boca de Chico Bento com apenas um dente, fato que motivou o conselho de fundo estético e, paralelamente, voltado para o humor: “É melhor tirar retrato sério!”

Exemplo 357



O Globo, 01-07-08

A expressão não lexicalizada “MMMMMMMMM...”, indicativa de sensação gustativa, é o mote dessa TQ, que, parece, pode trazer ao leitor lembrança(s) gustativa(s), quando se considera, como DELEUZE (2010, p.56), que

A Memória involuntária parece, a princípio, basear-se na semelhança entre duas sensações, entre dois momentos. Mas de modo mais profundo, a semelhança nos remete a uma estrita *identidade*: identidade de uma qualidade comum às duas sensações, ou de uma sensação comum aos dois momentos, o atual e o antigo. [...] A memória involuntária tem, porém, uma característica específica: ela interioriza o contexto, torna o antigo contexto inseparável da sensação presente.

Ao ganhar as balinhas de chocolate, Zoé as degusta prazerosamente, mas o fato de o irmão também ganhá-las e degustá-las, prazerosamente, “MMMMMM...”, transtorna Zoé a ponto de ela reverter o que era uma sensação de prazer em um desprazer gustativo (“Você sabe bem como estragar o meu prazer!”).

Exemplo 358



O Globo, 20-10-08

O humor da TQ concentra-se em imagens sonoras, contextualizadas, inicialmente, pelo assvio de Zoé, observável (e ouvido) em uma pequena porção de pauta musical com a nota musical *lá* (Se for uma clave de sol.), constituindo uma metáfora visual, elemento pertinente ao código icônico. No segundo quadrinho, infere-se que a menina desafia o irmão, para que assvie da mesma forma; o assvio não acontece, mas, devido ao esforço empreendido com a corrente de ar, o menino chega a expelir gases, a cujo ruído o quadrinhista (cúmplice) atribui o mesmo valor musical do assvio de Zoé, efetivando-se o humor com a reclamação de Zoé e a satisfação de Zezé pelo feito.

Exemplo 359



O Globo, 25-01-05

A sensação olfativa se dá na TQ pelo modo não verbal, com o emprego de linhas cinéticas indicativas de odores, que levam os interessados a acompanhá-los pelas especificidades de seus gostos. Cebolinha, deslumbradamente amando (Vejam-se seus olhos em forma de coração.) segue a menina pelo perfume que exala; Magali, esfomeada como sempre, com a língua para fora da boca, como se estivesse aguando, segue o cheiro de um bolo; inversa e finalmente, Cascão, dada à sua característica de não tomar banho, agrada a um animal pelo cheiro que exala, a ponto de ele seguir o intrigado menino.

DELEUZE (2010, p.80) se refere aos *signos mundanos, amorosos e sensíveis*. Sobre esses últimos registra que “Os signos sensíveis também são qualidades materiais, sobretudo os aromas e os sabores.”. Parece poder entender que a intenção do quadrinhista com essa TQ é levar o leitor a materializar variações olfativas para, enfim, chegar ao humor.

Exemplo 360



O Globo, 28-06-07

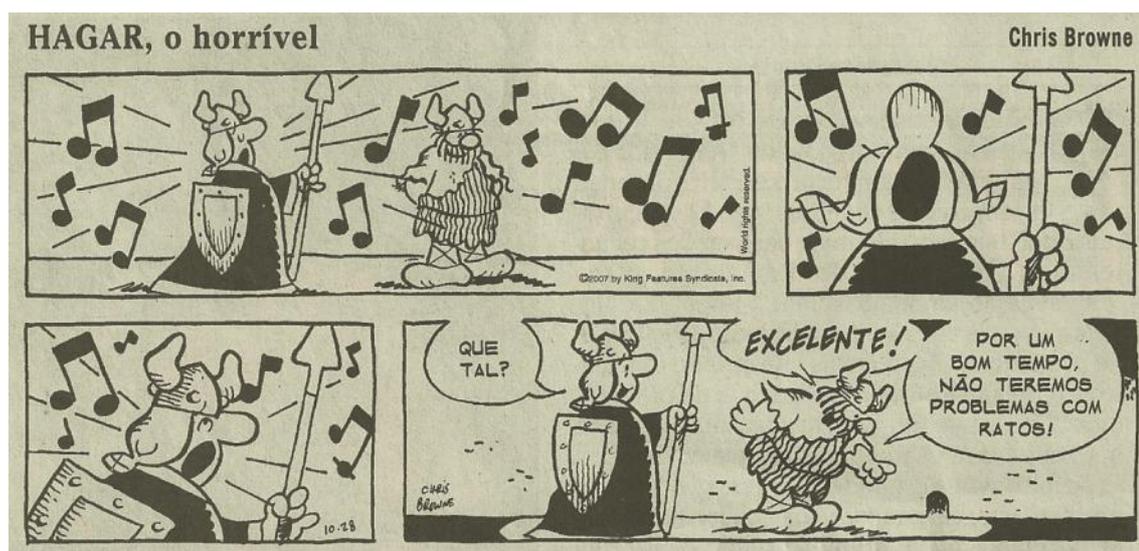
Nessa TQ, têm-se um enfoque sinestésico do temática desenvolvido por meio de três sensações: auditiva, representada pelo verbal contido nos balões-fala; gustativa, porque “denso como creme de chocolate” foi o cerne da argumentação para persuadir o interlocutor a interromper a marcha e visual, porque o nevoeiro era tão denso, iconicamente representado pela tonalidade branco acinzentado, que nem o leitor pôde ver os personagens, embora possa saber, pela leitura continuada dessa série, que se trata do Recruta Zero e do Sargento Tainha.

4.7.7 Metáforas Visuais

As metáforas visuais ou símbolos (McCLOUD, 2005, p.128-129) se incorporaram à linguagem iconográfica dadas à aceitabilidade e à repetição delas no ambiente quadrinista. CAGNIN (1975, p.83-84) a elas se refere como uma das “figuras convencionais em ação” —

corações, estrelas, espirais – cuja origem se deu porque “As limitações da imagem fixa exercitam a imaginação dos artistas na procura de novos sinais que deem vida à figura.”, trata-se, por conseguinte, de entender que o não verbal tem caminhado, buscando formas gráficas que “traduzam” iconicamente o mundo verbal com suas palavras e frases, ampliando-se o número de elementos que configuram os quadrinhos. ECO (2006, p.144-145) , considerando perspectivas do estudo do verbal, faz referência à “visualização da metáfora ou símile” como um dos elementos figurativos que se tornaram canônicos, constituindo “um verdadeiro repertório simbólico, e de tal forma que se pode falar numa semântica da estória de quadrinhos.”. Entende-se, assim, que a metáfora visual foi ganhando *status* proeminente na estruturação dos quadrinhos, ao lado do balão, da onomatopeia, do plano, do ângulo, das linhas cinéticas.

Exemplo 361



O Globo, 27-01-08

Notas musicais: indicam alguém cantando ou música tocando.

A proliferação de notas musicais constitui a trilha sonora da TQ; entretanto, nesse contexto, elas são também signos desorientadores para o leitor, que, apanhado de surpresa na disjunção, toma conhecimento do objetivo do canto: não se tratava de uma apresentação artística de Helga, mas de uma forma “Excelente!” para o casal ficar livre de ratos “Por um bom tempo”.

Exemplo 362



O Globo, 13-11-08

A *poeirinha* (CAGNIN, 1975, p.84) é a metáfora visual indicativa de uma corrida, ou de velocidade, a que esse estudioso caracteriza como “motivada por alguma semelhança com o real (...) também por motivação linguística: levantar poeira”. Na TQ, a corrida da mãe e de Mônica é enfatizada pelo emprego de nuvens de poeira, repetidas no último quadrinho, para indicar que, graças à rapidez, o propósito pretendido, alcançarem o ônibus, foi conseguido. A temática desenvolvida se mostra como a oportunidade de, mais uma vez, configurar a personagem quanto à força que lhe é atribuída, porque a onomatopeia “SCRIINCHH”, indicativa do ruído de uma freada, foi trabalhada figurativamente com letras repetidas e de tamanho aumentado, o que ajudou a indicar que o ônibus estava em velocidade, mas Mônica conseguiu pará-lo.

Exemplo 363

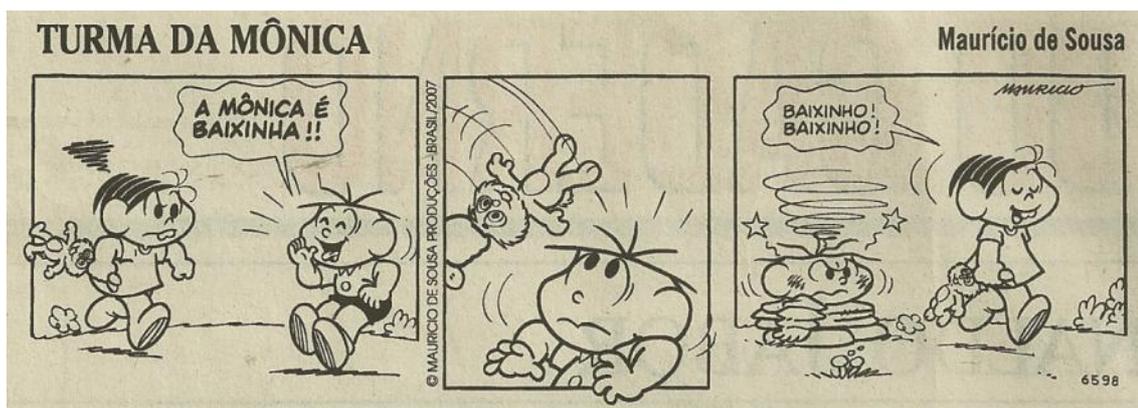


O Globo, 08-05-07

É provável que a metáfora visual que sugere a enunciação de um *palavrão* tenha tido origem em consonância com as regras estabelecidas pelos Sindicatos, conforme mencionado no capítulo II desta tese. A construção morfo-sintático-semântica do palavrão proferido pelo

tenente Escovinha ganha uma observação do sargento Tainha, quanto à impropriedade da coocorrência de dois itens, gerando-se o elemento disjuntor que vai projetar humor, no segundo quadrinho, por meio da fala do sargento, porque ele procura comprovar a pertinência de sua observação, ao apresentar o *Manual de estilo de palavrões*.

Exemplo 364

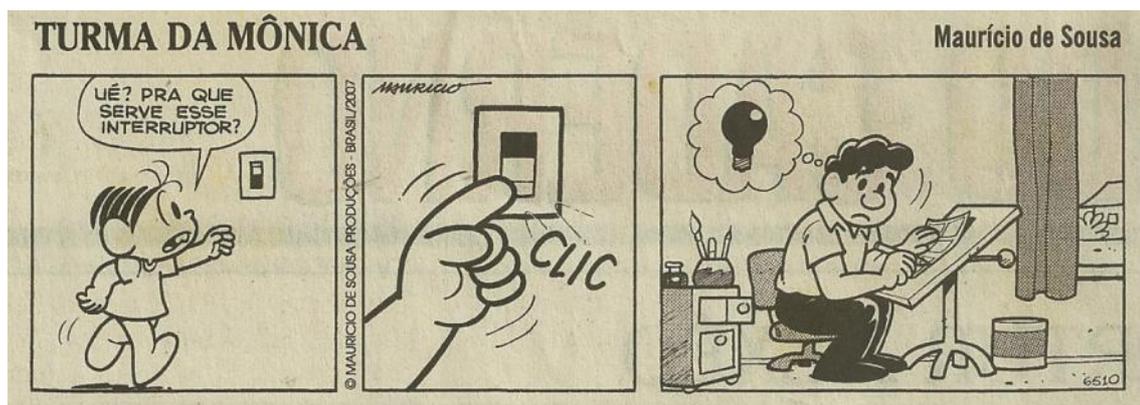


O Globo, 31-07-07

As *espirais* sobre a cabeça do personagem simbolizam aspecto psicológico: aborrecimento, raiva, insatisfação, preocupação, zanga, dentre outras possibilidades, que manifestam aspecto negativo, desconfortável para o personagem. A tonalidade mais ou menos intensa, o espaçamento entre um volta e outra e a largura dessas espirais revelam o grau de tais contrariedades.

Para salientar o grau de raiva e o propósito claro e definido de Mônica para revidar o “A Mônica é baixinha!!”, a espiral está ‘concentrada’ e marcada com tonalidade escura. A espiral sobre a cabeça de Cebolinha, depois de apanhar, se apresenta em tamanho maior com separação larga entre as voltas; são pistas visuais que informam ao leitor o tamanho da consequência de seu ato de provocar Mônica. Para agregar dor ao contexto, aparecem duas estrelas, símbolos da grande dor que o menino sentia.

Exemplo 365



O Globo, 15-08-07

A lâmpada é a metáfora visual referente ao despontar de uma ideia. Nessa metatira, o quadrinhista se vale de uma ideia com a ajuda de Mônica, personagem da série, para o trabalho que estava realizando.

Exemplo 366



O Globo, 14-12-09

A letra **Z** é a metáfora visual do *sono*. A repetição dessa metáfora indica sono profundo. Na primeira cena, Maria percebe que Urbano está sorrindo enquanto dorme, circunstância que a leva a inferir que seu patrão estava tendo um “Sonho maravilhoso”. Na segunda cena, dada à onisciência do narrador, fica-se sabendo, por meio do balão-sonho, que, no sono profundo (“Z” “Z” “Z” “Z”), Urbano se vê prestigiado pela quantidade de cartões de Natal que estava recebendo. No discurso sobre a terceira idade nessa série quadrinista, esta TQ compõe o quadro tópico *solidão*, analisado no terceiro capítulo deste estudo.

Exemplo 367



O Globo, 27-03-09

Nessa metatira, a metáfora visual **Z** é o elemento iconográfico responsável pelo humor. Tendo perdido o sono e sabendo que Zero costuma dormir profundamente, mesmo durante o dia, em horas de trabalho, não resta dúvida a Tainha de levantar-se da cama e ir “tomar um dos ZZ” do sono do recruta, para livrar-se da insônia.

Exemplo 368



O Globo, 04-03-05

As *estrelas* são metáforas visuais que indicam dor. Quanto mais estrelas, mais dor intensa.

Exemplo de um dos momentos de atrito entre Zero e o sargento Tainha, a fala do recruta, nesse momento, se reveste de educação (“Ei, obrigado!”), mas o leitor dessa série infere a grande carga de ironia, uma vez que a maneira como o sabonete foi encontrado constituiu um tombo que levou a uma grande dor, iconizada no contexto por três estrelas.

Exemplo 369



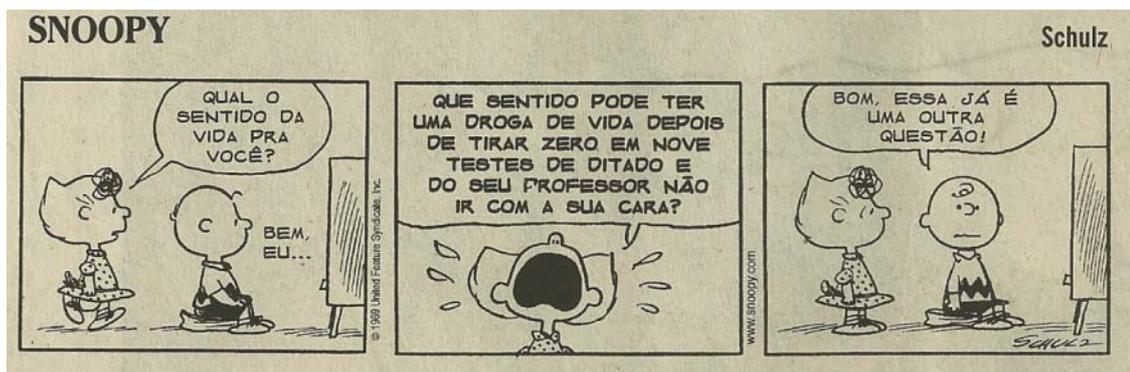
O Globo, 21-11-07

Essa TQ permite observar a polissemia no emprego da metáfora visual *estrela*. Presentes nos olhos de Julieta, as duas estrelas são a iconicidade de um olhar brilhante, radiante de felicidade, pela atitude amorosa de Maluquinho, ao oferecer-lhe uma flor, tanto que há o reforço dos *corações*, metáfora visual que simboliza o amor, a paixão.

4.7.8 Gotas

As gotas no contexto de uma cena podem ser entendidas como a iconização de lágrimas ou de gotas de suor ou de um líquido qualquer, prevalecendo, desse modo, o aspecto denotativo. As gotas são, também, metáforas visuais, mas a leitura das várias produções quadrinistas oferece a oportunidade de observar que elas são empregadas, efetivamente, com a função de intensificar uma ação, um estado, um processo, são, portanto, um elemento *quantificador* na arte dos quadrinhos. Parece viável ampliar essa perspectiva e considerar que, semelhantemente ao descrito em gramáticas do linguístico-verbal, as gotas contextualizam o aumentativo ou o superlativo, conforme se sugere com os exemplos seguintes.

Exemplo 370



O Globo, 26-01-07

As gotas, na segunda cena, atuam como um signo desorientador, porque o leitor pode lê-las como a efetiva representação das lágrimas da menina, ou como metáforas visuais, que quantificam – com o desenho da grande boca aberta e a fala com letras mais escuras e em tamanho maior que as demais – a voz alta na enunciação, que versa sobre um questionamento filosófico com um juízo de valor (“Que sentido pode ter uma droga de vida...”). O humor começa a ser projetado quando Lucy não dá tempo a Charlie Brown de responder à pergunta e, imediatamente, apresenta outra em que seu dilema pessoal é colocado: “Tirar zero em nove testes de ditado” e “Seu professor não ir com a sua cara?”. Quanto ao propósito de humor da TQ, têm-se a atitude de Lucy, que mais precisava desabafar do que receber uma resposta de Charlie Brown, e a clareza do raciocínio do menino, escapando de apresentar a opinião: “Bom essa já é uma outra questão!”

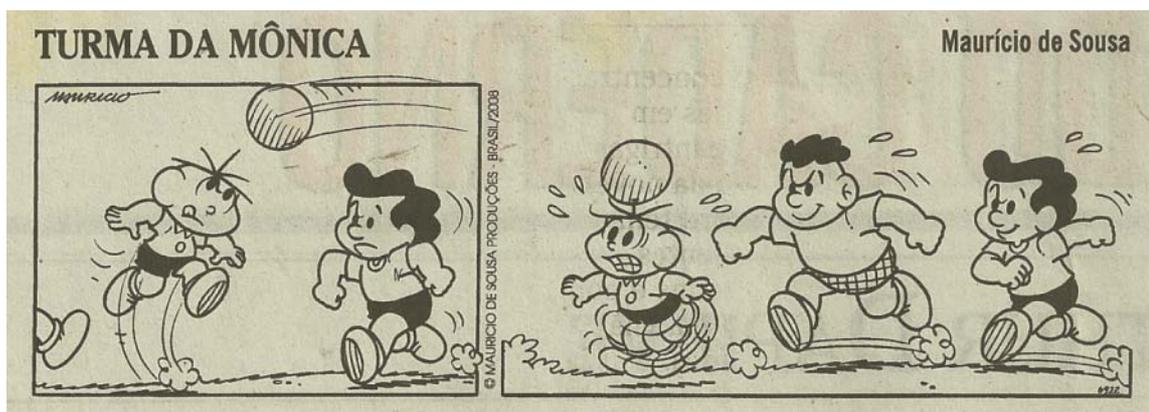
Exemplo 371



O Globo, 26-01-07

Nas duas primeiras cenas, as gotas ao redor da cabeça de Mônica e Cebolinha indicam a intensidade do grande calor sentido pelos dois, haja vista o sol nos dois cenários. No terceiro quadrinho, as gotas indicam que o grande calor vivenciado pelos personagens contagia também o quadrinhista que os desenhava. Por outro lado, é preciso observar que há uma gota logo abaixo do cabelo de Mônica e outra na cabeça de Cebolinha, perto da orelha, que se diferenciam das demais, pois representam, denotativamente, gotas de suor.

Exemplo 372



O Globo, 04-07-08

Nesse exemplo, as gotas ao redor da cabeça de Cebolinha intensificam o desespero, a sua grande aflição, para fugir e ver-se livre da situação enrascada, porque, ao cabecear a bola, um dos seus fios de cabelo consegue perfurá-la e mantê-la presa, circunstância que interrompe o jogo, originando a raiva que os dois outros meninos sentem, intensificada pelas gotas próximas às suas cabeças.

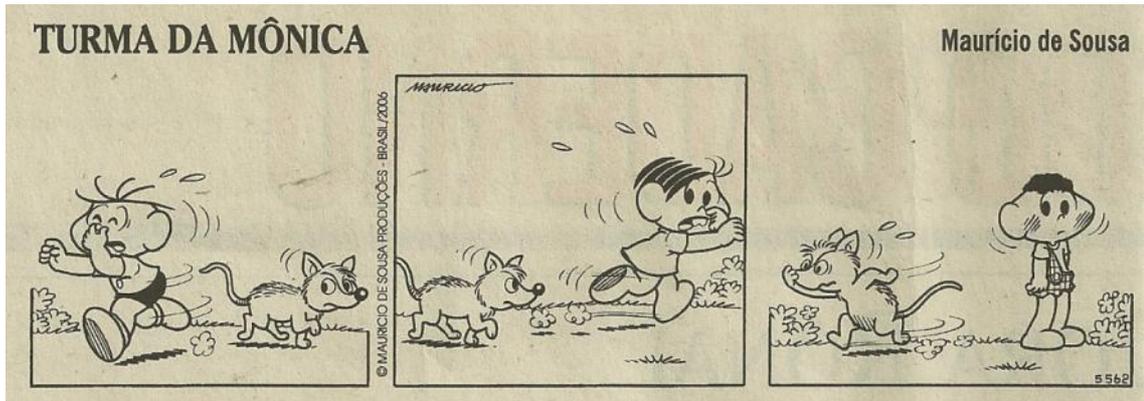
Exemplo 373



O Globo, 11-11-09

As gotas próximas do rosto do personagem intensificam a *contrariedade* estampada em sua face: o objetivo de escavar era encontrar água não, petróleo. A temática da TQ é motivada para o frisar, mais uma vez, um veio do discurso desenvolvido nessa série quadrinista: a ingenuidade de pessoas que moram no sítio, longe das grandes cidades.

Exemplo 374



O Globo, 04-01-07

O gesto de apertar as narinas, tampando a respiração, é um dos procedimentos característicos das pessoas, quando sentem mau cheiro. Nos dois primeiros quadrinhos, as gotas perto das cabeças de Cascão e Mônica intensificam para o leitor a imagem olfativa do cheiro desagradável proveniente do cachorro, mas, quando passa perto de Cascão, é a vez de o animal repetir aquele gesto, porque se dá uma situação inversa: o mal cheiroso agora é Cascão, de modo que as gotas, perto do cachorro, acentuam o fedor de Cascão, o que leva a entender uma comparação de superioridade, isto é, Cascão é mais fedido do que o cachorro, aspecto que cumula o humor da TQ. A constituição dessa TQ se fez a partir de uma “comparação intensiva” (AZEREDO, 2008, p.338).

Exemplo 375



O Globo, 21-04-05

O esforço do pequeno caracol numa subida íngreme é sugerido, no primeiro quadrinho, por meio das onomatopeias “Puf! Puf! Puf!”, indicativas de cansaço, e intensificado pelas duas gotas, também mantidas na segunda cena. O humor fica contextualizado na disjunção, quando o leitor toma conhecimento de que tamanho esforço

dispendido se devia ao fato de o caracol ‘escalar’ uma pedra, para juntar-se a outros caracóis que julgava ser da sua espécie (“Fala, turma!”) mas que, na realidade do contexto, eram os caracóis do cabelo do Anjinho.

Exemplo 376



O Globo, 20-03-09

No pequeno embate entre a ênfase da negativa “Ah, não... romântico não” e a ênfase da afirmação “Ah sim... romântico sim, senhor!!”, Julieta acaba ganhando quanto à escolha feita, mas por meio atitude exasperada, iconicamente marcada pelo dedo em riste e reforçada pelas gotas. A Maluquinho coube assentir com preocupação, acentuada pelas gotas e pela perspectiva de que a escolha recairia em “A Bela e a Fera.”, título que, ironicamente, nesse contexto, sugere tratar-se da própria Julieta (“A Bela”) e de seu modo impositivo de agir (“A Fera”).

Segundo as leituras propostas, parece haver oportunidade de sugerir uma expressão-síntese na forma de mencionar um aumentativo analítico ou um superlativo para cada uma das ocorrências das gotas nesses exemplos, respectivamente, como *grande choro* ou *grande grito*; *grande calor* ou temperatura *quentíssima*, *elevadíssima*; *grande aflição* ou *aflitíssimo* e *grande raiva*; *grande contrariedade* ou *contrariadíssimo*; *grande fedor* ou *fedorentíssimo*; *grande esforço*; *grande exaspero* ou *exasperadíssima*.

4.7.9 Interlocução

Uma forma de obter humor nos quadrinhos consiste no artifício da interlocução ‘direta’ com o leitor. Tal situação se deu no modo verbal, por meio de um balão-fala, em que personagem ou o próprio quadrinhista atuam como interlocutores.

Exemplo 377



O Globo, 05-12-05

O humor na TQ é desencadeado a partir do segundo quadrinho, quando Bocão tenta atuar como mágico, mas se sai mal ao deixar que a plateia claramente perceba de onde ele retirou o lenço, por isso as vaias “UUU!”. Como num passe de mágica, a reduzida aparição do Menino Maluquinho, na última cena, fecha a proposta de humor, quando ele se dirige ao leitor explicando-lhe por que o truque de o mágico usar roupa com mangas compridas: “Entende [você/ leitor] agora por que mágico usa manga comprida?”.

Exemplo 378



O Globo, 28-10-08

Nas duas primeiras cenas, é retomada a eterna corrida do sargento Tainha (“Te peguei, Zero”) no encalço do esperto recruta Zero (“Rá!”), para espancá-lo. O humor nessa TQ não se dá pela fúria de um ou pela astúcia do outro, mas pela interlocução dos quadrinhistas Greg e Mort Walker, apelando aos leitores que não abandonem a leitura da série, que esperem o fim dessa acirrada disputa que, aí, sim, eles poderão continuar os relatos sobre os dois personagens (“Não vão embora! Quando ele o pegar, voltaremos!”). Por oportuno, cabe reparar que essa última enunciação, de caráter conativo, é um artifício dos autores que atua semelhantemente às legendas, em que se coloca a expressão “continua amanhã”, garantidora,

em outros tempos, da venda lucrativa de jornais pela publicação de TQ, conforme mencionado no capítulo II. Estruturalmente, parece possível entender que houve, nesse exemplo, a alternância da função da legenda pelo emprego de um balão-fala.

4.7.10 Intertextualidade

Considerada um dos padrões de textualidade (BEAUGRANDE & DRESSLER, p.198), a intertextualidade, termo introduzido por KRISTEVA (1967, p.438-65, apud FIORIN, 2008, p.162-163), na consideração bakhtiniana de que todo texto se constrói “como um mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto”, tornou-se, em muitas TQ, sustentadora de humor. No *corpus* analisado, foram identificados exemplos de intertextualidade verbal e não verbal; geralmente, intertextualidade explícita.

Exemplo 379



O Globo, 17-04-09

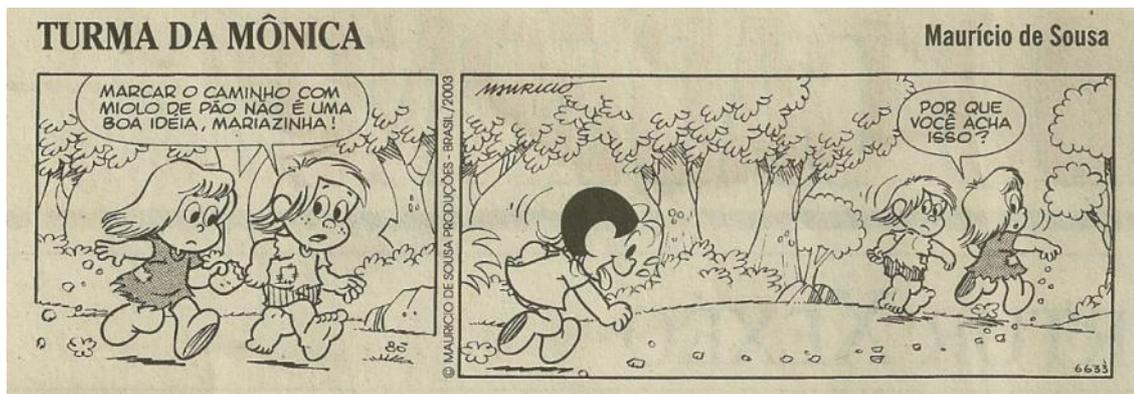
Neste exemplo inicial, sobressai a intertextualidade verbal. As aspas, no segundo momento da fala do capelão “Só passamos uma vez por esse caminho!”, incorporam, nesse discurso, que tal frase é de autoria alheia e que se trata de um índice da adesão do emissor a essa perspectiva, consistindo em polifonia (KOCH, 2007, p. 62-67). Espera-se que o leitor a reconheça como uma das frases do filósofo HERÁCLITO (536-470 a.C.).

“Para Heráclito, o mundo estava em constante mudança, “em fluxo”, e a estabilidade aparente era uma ilusão. Foi Heráclito quem insistiu, num dito célebre, que não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio.” (SOLOMON ; HIGGINS, 2001, p.58), portanto Zero não precisaria preocupar-se com a possibilidade de um novo recrutamento, para ter de passar novamente pelos mesmos descontentamentos então vividos, ao servir ao exército. Por isso,

também, a explosão de alegria com grito da interjeição “VIVA!”, estilizada com tipos gráficos aumentados, para tal efeito de sentido.

Os exemplos seguintes apontam que a intertextualidade não verbal também tem servido de temática para a composição de TQ, publicadas nos jornais diários.

Exemplo 380



O Globo, 29-06-05

Na história *João e Maria*, ao tomarem conhecimento de que seriam abandonados pelo pai e pela madrasta numa clareira da floresta, João tem a ideia de ir marcando o itinerário com pedrinhas para que ele e a irmã consigam retornar a casa, artifício que, efetivamente, funcionou. Na segunda vez, o menino marca o caminho com migalhas de pão, mas como os passarinhos comem, o regresso não foi possível. Aproveitando essa temática, o quadrinhista usa a intertextualidade para produzir essa TQ, adaptando o fato à personagem Magali, cuja característica principal é de uma menina esfomeada, por isso a preocupação da primeira fala, “Marcar o caminho com miolo de pão não é uma boa ideia, Mariazinha!”, elemento disjuntor que projeta o humor da cena seguinte, em que Magali está comendo os pequenos pedaços de pão, índices da orientação espacial relativos a um regresso.

Exemplo 381



O Globo, 10-03-06

Há intertextualidade explícita no que tange à presença da figura de Pinóquio, personagem de *As aventuras de Pinóquio*, de CAOLO COLLOTTI, publicadas em 1883. Trata-se de um mentiroso; todas as vezes que mente, seu nariz aumenta. É considerando essa intertextualidade que se chega ao humor da TQ. No segundo quadrinho, ao mentir sobre as características físicas que Cebolinha atribui à Mônica, o personagem mentiroso tem seu nariz aumentado, conforme se observa na disjunção do último quadrinho.

Exemplo 382



O Globo, 15-02-08

Nesse outro exemplo, ocorre intertextualidade implícita, embora o leitor possa chegar à mentira, característica de Pinóquio, reconstruindo esse sentido por meio da paródia, com que o quadrinhista provoca o humor. Hagar não teve o nariz aumentado, porque na cultura vikingue o que caem são os chifres; para espanto de Helga os chifres se estilhaçaram.

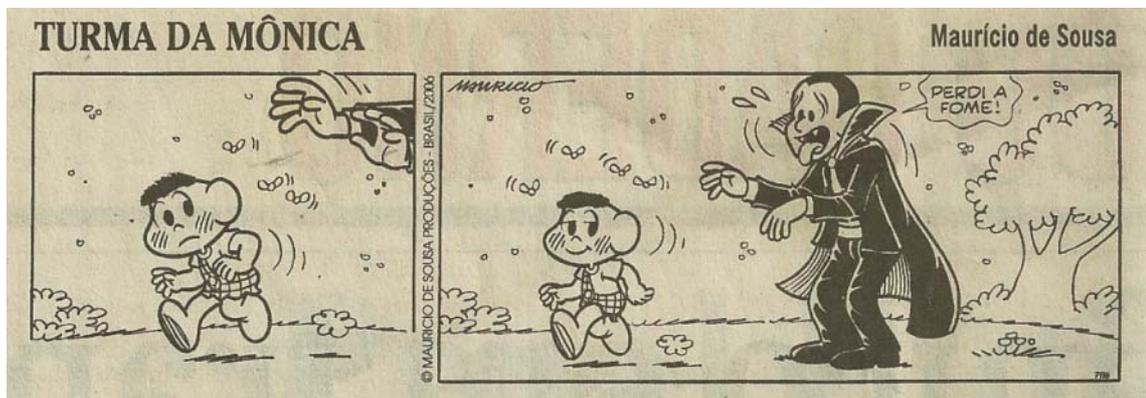
Exemplo 383



O Globo, 14-05-09

Criado por ARTHUR CONAN DOYLE, em 1887, Sherlock Holmes é um investigador, que aparece pela primeira vez no romance *Um estudo do vermelho*. Tornou-se, iconicamente, conhecido por sua vestimenta: sobretudo e chapéu quadriculados, e por portar um cachimbo. Tem, como característica intelectual, a habilidade de resolver situações-problema por meio do método científico e lógica dedutiva com a ajuda de Watson. A intertextualidade da TQ faz sobressair o método científico, no que se refere à fase da observação. Para chegar-se ao humor pretendido, é preciso tomar conhecimento, como o leitor assíduo o sabe, de que o cabelo de Cascão é feito com a impressão digital do quadrinhista. Vivendo coberto de sujeira, a única impressão digital possível de ser encontrada no personagem foi a dedo do quadrinhista.

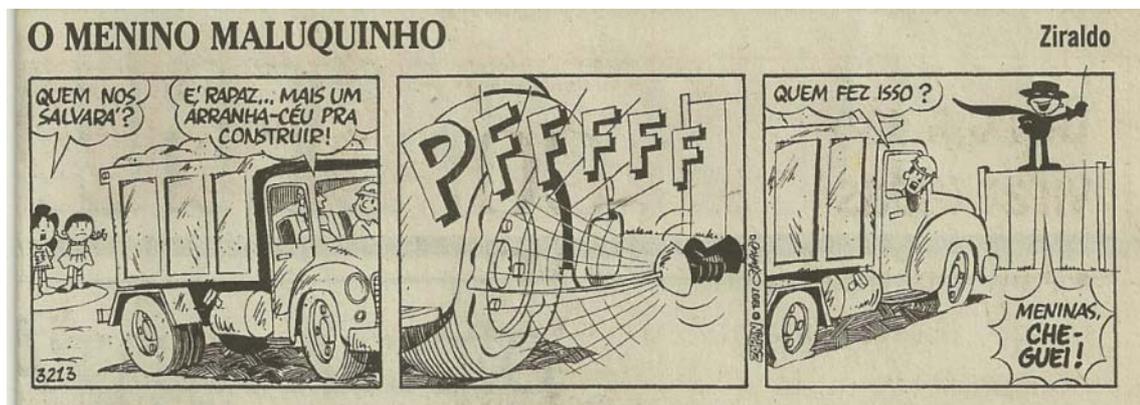
Exemplo 384



O Globo, 24-01-06

Figura folclórica que sobrevive alimentando-se do sangue de pessoas, o vampiro foi iconizado a partir do romance *The Vampyre*, escrito por JOHN POLIDORI, em 1819. Na intertextualidade dessa TQ com tal ser mitológico, o humor consiste de até ele desistir de se alimentar do sangue de Cascão, dada à sujeira do menino, “Perdi a fome!”.

Exemplo 385



O Globo, 13-06-07

Personagem criado em 1919 por JOHNSTON McCULLEY, Zorro defende e salva pessoas de várias opressões, promovendo a tranquilidade. Caracteristicamente, usa uma capa preta e um máscara da mesma cor, porta uma espada e cavalga Tornado. A intertextualidade com essa figura se faz explícita pela roupa, máscara e espada. Considerando as duas primeiras falas, parece possível entender que Julieta está lastimando a proliferação de arranha-céus, (“Quem nos salvará?”) provavelmente uma possibilidade de um discurso crítico do quadrinhista sobre o aumento de construções desse tipo de prédio. A chegada de Zorro/Maluquinho, (“Meninas, CHEGUEI!”), furando com a espada um dos pneus do caminhão que transportava areia para a obra, favorece, mesmo que por algum tempo, o retardamento dessa empreitada, o que deve aliviar a preocupação da(s) menina(s).

Exemplo 386

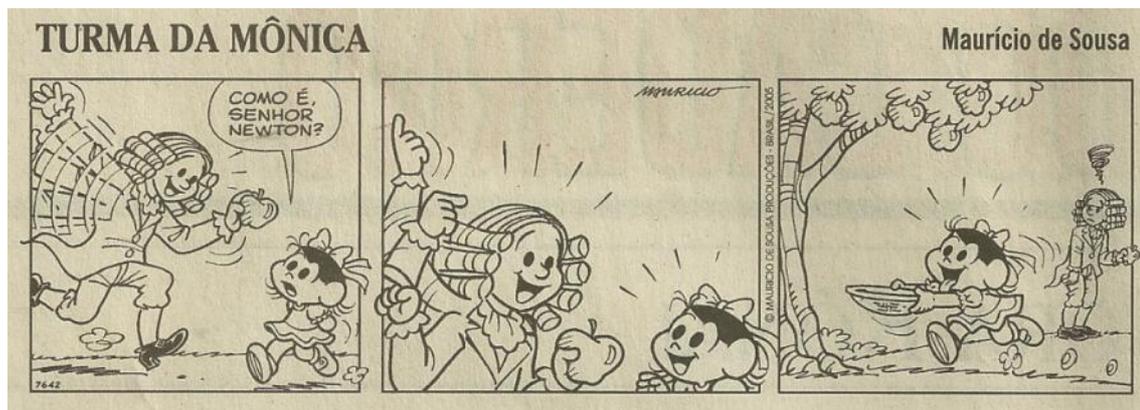


O Globo, 11-11-08

Robin Hood é o personagem-índice da intertextualidade. Trata-se de um herói mítico inglês, sobre cuja existência restam dúvidas. Suas características bem conhecidas são que roubava dos ricos para doar aos pobres e que possuía grande habilidade no manejo do arco e flecha.

Justamente no momento em que Robin Hood mirava a flecha em direção da maçã, a esfomeada Magali aparece, pede que não atire e come a maçã, para espanto do próprio Robin Hood e preocupação do personagem que sustentava a fruta sobre a cabeça.

Exemplo 387



O Globo, 14-07-05

A presença de *Sir Isaac Newton* e sua descoberta estabelecem intertextualidade na TQ. Físico e matemático inglês, descreveu a lei da gravitação universal e as três leis que levam seu nome, elementos fundadores da mecânica clássica, em *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (ISAAC NEWTON, 1687).

Entende-se, na primeira cena, que Magali presenciou a felicidade de Newton, quanto à descoberta da lei de gravidade, com a caída da maçã da árvore. Uma vez que o interesse da menina era comer maçãs, gulosa que é, perguntou sobre o fenômeno: “Como é, Senhor Newton?” [que se consegue isso?]. Recebida a explicação, aproveitando o aprendizado, ela corre para debaixo da macieira com um recipiente que parece caber algumas maçãs, ação que intriga o cientista, dada à metáfora visual espiral sobre sua cabeça.

Exemplo 388



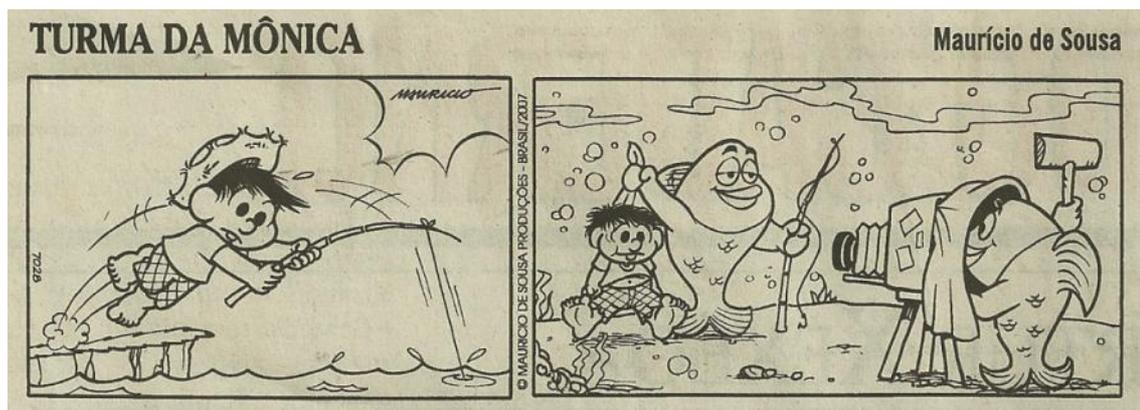
O Globo, 01-10-07

O apresentador de rádio e televisão JOSÉ ABELARDO BARBOSA MEDEIROS, de antonomásia Chacrinha, é iconizado nesta TQ como aparecia: vestido como palhaço estilizado. Nos programas de calouros, ele portava uma buzina que, quando tocada, indicava

ao candidato eliminação da disputa. De uma forma irônica, mas que também pode ser entendida como eufemística, Chacrinha entregava ao eliminado o troféu-abacaxi, pela conotação que o nome da fruta possui: um problema, algo difícil de ser realizado por alguém.

O humor da TQ se concentra no fato de que, para Magali, receber esse troféu correspondia a algo que lhe dava júbilo, porque poderia comê-lo. Assim, entendeu não a eliminação, mas o “primeiro prêmio”, por isso a felicidade estampada em seu rosto.

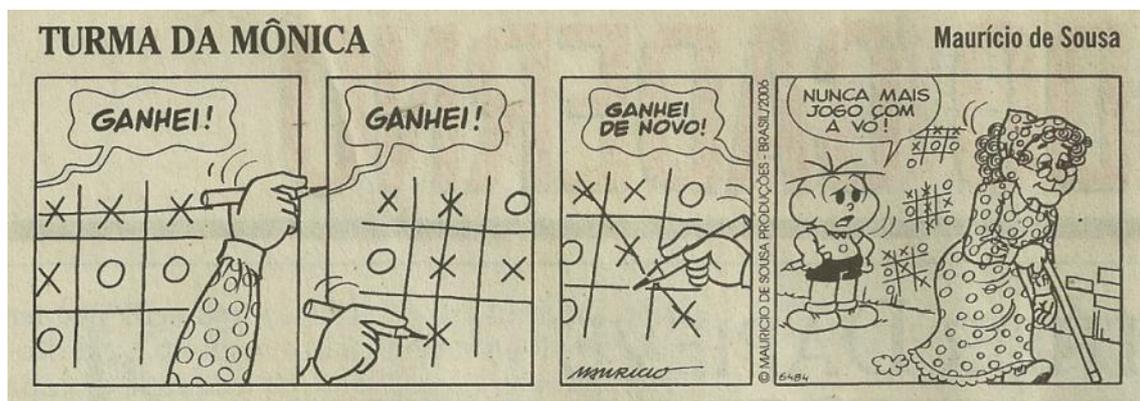
Exemplo 389



O Globo, 21-11-07

O humor da TQ está atrelado à intertextualidade com o ditado popular “Um dia é da caça; outro, do caçador.”. O humor fica intensificado porque os ‘personagens’ envolvidos não se situam numa caçada, mas numa pescaria; além disso, o ditado deve ser lido com a transformação em uma paródia, contendo a seguinte inversão: Um dia do pescador, outro do peixe; o peixe que segura Chico Bento como troféu é o pescador, e o menino é o pescado. A segunda cena é enfatizar o intertextual, porque, no mundo real, é comum o pescador tirar uma foto do pescado, para provar que não se trata de “história de pescador”, ou seja, uma verdade aumentada (O peixe não era tão grande.), ou uma grande mentira.

Exemplo 390

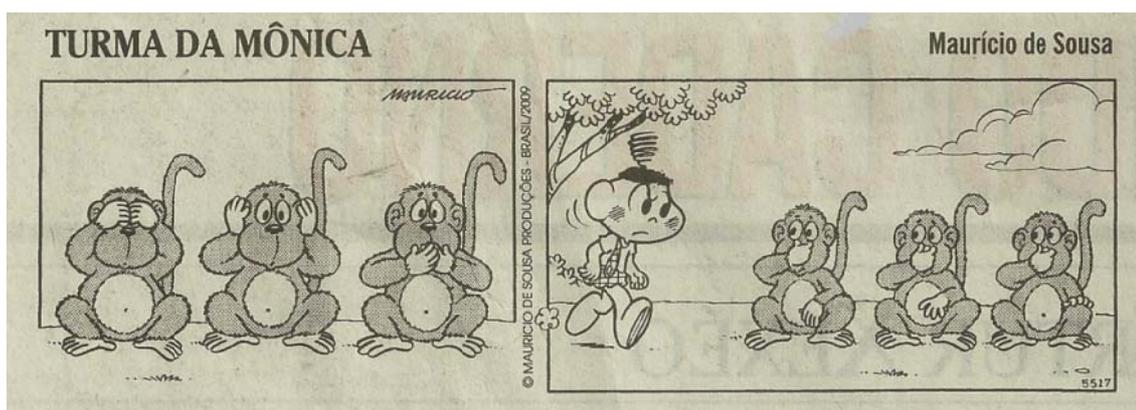


O Globo, 28-04-06

O *jogo da velha* é um passatempo popular, cujo nome, provavelmente, se originou do fato de jovens damas inglesas se reunirem à tarde para tomar chá e bordar; como as senhoras não tinham mais condições físicas para o bordado, elas se distraíam, naqueles momentos, praticando esse jogo.

Há, na TQ, a criação da expectativa do leitor, nos três primeiros quadrinhos, quanto a saber de quem se trata a mão que ganha as partidas. É um processo catafórico da narração que leva ao esclarecimento só no último quadrinho: era a mão da avó de Cebolinha, iconicamente apresentada como uma senhora bem idosa, uma velha, por isso a intertextualidade com o *jogo da velha*. O fato de ganhar sempre deixa o menino bem aborrecido, como se pensasse “Que avó, que não dá chance para o neto ganhar!”, mas acabou dizendo “Nunca mais jogo com a vó!”.

Exemplo 391



O Globo, 22-07-09

Segundo a cultura japonesa, os três macacos sábios — um que tampa os olhos, outro, os ouvidos e o terceiro, a boca — simbolizam a prudente sabedoria que ajuda a manter a harmonia entre os homens, porque nem tudo que se vê, se escuta deve ser comentado. Parece possível entender essas imagens como um provérbio, expresso pelo não verbal. O humor fica por conta da passagem de Cascão pelos três macacos sábios que, imediatamente, tapam o nariz, evitando sentir o odor exalado pelo menino.

As três TQ seguintes são exemplos que constituem a intertextualidade intragênero, porque remetem a personagens de outras séries quadrinistas.

Exemplo 392



O Globo, 05-09-07

Há três intertextualidades, uma em cada quadrinho. No primeiro, aparece Batman, o homem-morcego, super-herói que tem poderes sobre-humanos, usa, com esmero, o intelecto, por possuir habilidades investigatórias e é bem preparado fisicamente para a guerra contra o crime. Cascão lhe pede um autógrafa. No segundo quadrinho, aparece o super-homem, considerado um personagem que faz parte do imaginário da cultura popular; também luta contra o crime, possui poderes graças à criptonita, mineral originário de seu planeta de nascimento, Krypton. Cascão também lhe pede um autógrafa. No último quadrinho, surge a figura de Namor, o Príncipe Submarino, meio homem, meio peixe, por isso consegue respirar debaixo d'água, na qual tem grande habilidade para locomover-se, pode, também, voar porque possui asas resistentíssimas nos calcanhares; o humor acontece quando Cascão não se aproxima dele, desviando do caminho e assoviando, como quem está alheio ao encontro: não pede autógrafa, como vinha fazendo com os outros super-heróis. Namor demonstra estranhamento quanto à atitude diferenciada que recebe, talvez por não saber que o menino tem pavor de água.

Exemplo 393



O Globo, 16-01-06

A curiosidade do leitor se faz de imediato, no primeiro quadrinho, porque a enunciação de Zero convida a dirigir os olhos para “atrás do depósito!”, entretanto não é possível, ainda, distinguir o que estava acontecendo. No segundo quadrinho, fica-se sabendo que o sargento Tainha estava sendo treinado para lutar por Popeye, marinheiro carismático, personagem criado por SEGAR (1929). Espinafre é vegetal que Popeye come em grande quantidade e que lhe dá muita confiança e força para ganhar as lutas, principalmente, quando enfrenta Brutus que está sempre tentando roubar-lhe a namorada, Olívia Palito. Agora, sim, Zero descobre por que Tainha bate nele com tanta força: havia a interferência de um “mestre na arte de lutar”.

Exemplo 394



O Globo, 06-04-09

Por usar um chapéu que caracteriza a figura de Mickey Mouse (Rato Mickey), personagem que integra os quadrinhos de WALT DISNEY, conhecidos como *funny animals* (SANTOS, 2002, p.80), o leitor infere, diante do segundo quadrinho, que Zero não levantou na hora devida e foi tratado depreciativamente como um rato, um animal do último grau na escala de importância, de modo que está agachado, limpando o pátio com uma escova.

O que parece pertinente ser comentado, neste momento, é a intravisão de que uma prática didática atinente à leitura da intertextualidade não verbal (e verbal), na formação de leitores críticos, pode usufruir das TQ, como um tipo de texto produtivo para dar conta da leitura de outros textos e dos discursos que permeiam o mundo.

4.7.11 Intratextualidade

A intratextualidade ou intertextualidade interna ocorreu, no *corpus*, em número reduzido, fato explicado por VALENTE (2000, p. 82):

Entendo que intertextualidade externa prevalece sobre a interna, uma vez que seria demonstração de cabotinismo o autor ficar citando a si mesmo, em momentos diversos da criação. Excetuam-se os casos em que o autor quer indicar novos caminhos para sua obra, como fez Chico Buarque e como procedeu Drummond que dissera em “Alguma poesia”: “Mundo mundo vasto mundo/mais vasto é o meu coração”. Alguns anos depois, o poeta diz em “Sentimento do mundo”: “Não, meu coração não é maior que o mundo/ É muito menor”.

Quando empregado em TQ, esse recurso retórico é tomado pelo quadrinhista com o propósito de humor.

Exemplo 395



O Globo, 13-03-06

Na sua luta com os poucos fios de cabelo, Cebolinha está sempre imaginando uma possibilidade de aumentá-los ou de modificá-los. Na ideia que teve sobre um novo penteado, que se fica conhecendo no terceiro quadrinho, ocorre intratextualidade com o propósito de humor, porque o leitor identifica o mesmo penteado usado por Mônica, personagem dessa série quadrinista, tanto que o menino não só sente “a desagradável sensação”, porque percebe-se parecido com a menina com quem briga constantemente, senão também desconfia da ‘originalidade’ do penteado que aventara no segundo quadrinho (“Só se...”). Trata-se de *intratextualidade explícita* não verbal.

Exemplo 396



O Globo, 05-12-05

De forma mais sutil, o humor da TQ se centra na intratextualidade temática desenvolvida nessa série quadrinista. Há três desenhos de Zero, que caracteristicamente, iconizam suas atitudes costumeiras, sempre fugindo do trabalho: deitado, dormindo profundamente; em pé, parado, sem realizar uma tarefa, como se estivesse fazendo hora para o tempo passar; sentado, encostado na parede, com as pernas cruzadas, numa atitude de completa alienação. O humor se manifesta pela intratextualidade desse modo de ser de Zero em relação à enorme preguiça que tem, à vontade de nada fazer, porque é assim, também, que o quadrinhista, Mort Walker, está se sentindo, ao deixar sobre os desenhos o clipe, o lápis e a borracha, tomando o balão-fala para si e nele escrevendo “Estou igual ao Zero hoje!”, ou seja, estou com preguiça, sem vontade de fazer a TQ,(embora a tenha feito).

Ao proceder à intratextualidade, percebe-se que o esse recurso retórico visa atingir humor; como ocorre nessas duas TQ. No segundo exemplo, fica registrada uma situação em que é possível entender que o quadrinhista ri de si mesmo e convida o leitor a fazer o mesmo.

Ao finalizar-se este bloco relativo a considerações semânticas, pareceu ser um momento oportuno para frisar que muitas são as estratégias quadrinistas e muitos são os signos que compõem a estrutura de uma TQ, todos ganhando funções importantes para o propósito de sentido, mas, para a leitura proficiente dos mecanismos utilizados e do todo de determinada produção textual advinda, cabe ao leitor a ‘arte’ de *contemplar*. Retomando o fio condutor das considerações sobre onomatopeias e a figuração dos elementos gráficos, considerou-se a chance vantajosa de propor leituras em que *contemplar* o produto da *contemplação* do quadrinhista é um bom procedimento de entender o não verbal, ou o não verbal coocorrendo com o verbal.

SANTAELLA (2007, p.29-43) alerta que

Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos. Desautomatizar tanto quanto possível nossa percepção. Auscultar os fenômenos. Dar-lhes chance de se mostrarem. Deixá-los falar.

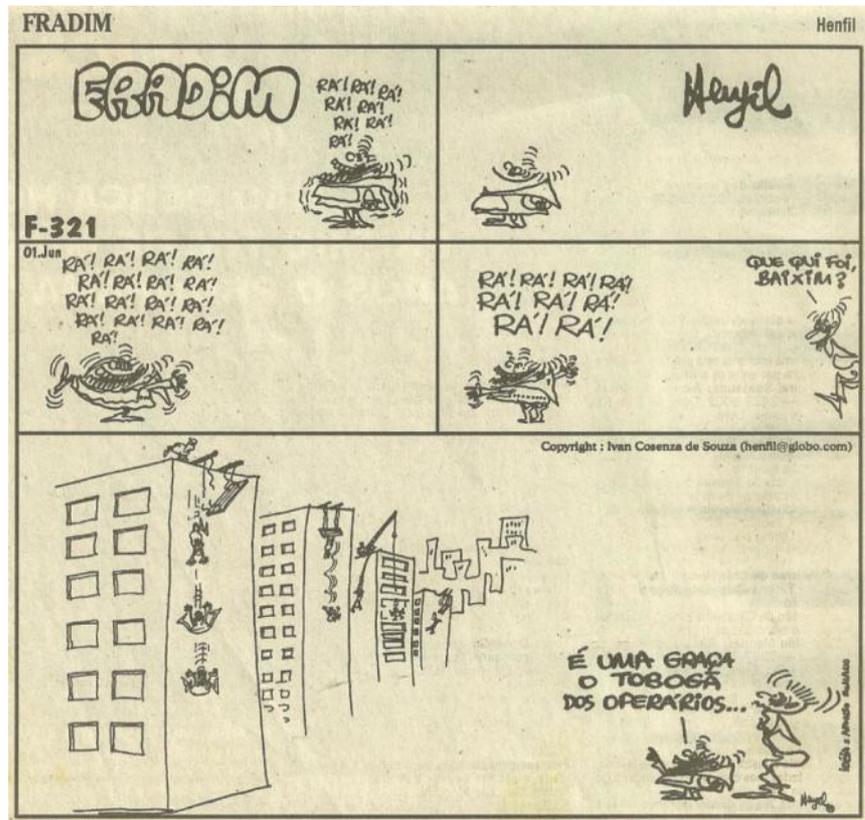
O que se entende é que, na contemplação, deve-se criar a oportunidade do diálogo com o signo, isto é, uma interlocução virtual, que, embora possa estar sendo feita em relação a um texto, propiciará a leitura de muitos outros e, provavelmente, a leitura do mundo verbal e do não verbal, enfim, a leitura do mundo. Isso proposto em sala de aula efetivará um dos objetivos da escola: a formação do leitor crítico.

Outro momento prático e elucidativo da semioticista se refere aos estágios do *continuum* do ato de ler, em que, tomando as categorias propostas por PEIRCE (1931-1958) registra que

Diante de um processo de signos que se quer ler semioticamente, o primeiro passo a ser dado é o fenomenológico: contemplar, então discriminar e, por fim, generalizar em correspondência com as categorias da primeiridade [emoção], secundidade [reação] e terceiridade [discursos, pensamento(s) abstratos(s)].

O exemplo seguinte oferece oportunidade para aplicação desses aspectos teóricos.

Exemplo 397



O Globo, 01-06-08

Referentemente à *primeiridade*, as emoções, sensibilidades despertadas encaminham ao visual-auditivo, na observação da repetição de “RA!”, da presença de duas falas e do desenho de edifícios, onde há alguma obra. Na *secundidade*, a contemplação dos signos verbais e não verbais recebem o desvelamento de suas construções e respectivos propósitos de sentido. O aumento do número de “RA!”, da primeira ocorrência para a segunda, faz entender que a gargalhada se prolongou e na terceira ocorrência, embora diminuído o número de “RA!”, houve aumento da altura da gargalhada, expresso no tipo gráfico que, gradativamente, vai ganhando tamanho maior. No último quadrinho, na disjunção, é que se acopla o verbal e o não verbal: a ironia ácida de o personagem “entender”, no não verbal, tobogãs como as inadequadas pranchas onde os operários estavam trabalhando, sem nenhuma segurança, tanto que eles são iconizados despencando. É nesse momento de contemplação, de leitura, que se pode depreender o discurso do quadrinhista: sua crítica mordaz no que tange denunciar, pelo

humor negro, a irresponsabilidade quanto à falta de segurança no trabalho.¹ A temática desenvolvida exemplifica a seguinte consideração de SANTAELLA (2007, p.10): “O signo pode ser uma mera emoção ou qualquer sentimento ainda mais indefinido do que uma emoção, por exemplo, a qualidade vaga de sentir ternura, desejo, raiva etc.”

Tais considerações parece esclarecerem a necessidade do contemplar, de um tempo para contemplar, que deve ser dado ao aprendiz-leitor, no seu empenho de tornar-se leitor crítico, porque os signos se propõem ao diálogo e a adequação explanatória proposta por Peirce ajuda a conduzir essa interlocução.

4.8 Aspectos estilísticos

A leitura das TQ selecionadas faz emergirem dois enfoques relacionados a figuras de linguagem. O primeiro leva à consideração de uma figura de linguagem presente no modo verbal, como argumento maior para obter-se humor. O segundo enfoque remete ao próprio *desenho* de determinada figura de linguagem, portanto o modo não verbal, promovendo manifestação artística que incorpora argumento à estratégia gráfica para, também, alcançar o desejado humor, pontuado pela iconicidade de determinada situação, ativando-se, dessa forma, sobretudo, imagens sensoriais visuais do leitor.

Exemplo 398



O Globo, 25-11-09

A TQ tem na estilística a proposta de humor, porque, na última fala, Hagar constata o adverso em uma experiência de vida, remetendo o leitor não só ao ‘radicalismo’ por meio de uma comparação expressa pelo superlativo relativo de superioridade (“as coisas mais fáceis”, “as mais difíceis”), como também à antítese de uma possível situação humana.

¹ Essa TQ se faz um exemplo pertinente para a leitura dos Temas Transversais da educação, no item referente a Trabalho.